
Arquivos Pessoais: os diários e a construção da memória

ANDRADE, Jéssica Monteiro Viana de¹
ARAÚJO, Angélica Rita de²

Recebido (Received): 16/04/2021 Aceito (Accepted): 21/05/2021

Como citar este artigo: ANDRADE, J.M.V.de; ARAUJO, A. R. de. Arquivos pessoais: os diários e a construção da memória. **Geoconexões (online)**, v.1, n.1, p. 56-72, 2021.

RESUMO: Este artigo busca discutir e compreender o uso dos diários pessoais como fonte para a construção da história através da valorização dos registros de memórias. Sabe-se que por muito tempo a escrita da história recusou os arquivos pessoais ou os egodocumentos no processo de construção historiográfica, consequência das atribuições da escola positivista, que limitava as fontes e documentos oficiais. Entretanto, no decorrer do tempo, com a Escola dos Annales, a História Cultural e a Micro-História no século XX, foi possível ampliar as fontes da pesquisa histórica progressivamente, rompendo com paradigmas e criando novas possibilidades para pesquisa. Assim sendo, utilizaremos autores (as) que apresentam, através dessas fontes, a vida de pessoas que deixaram as suas marcas em diários e que contribuíram para a construção e valorização dos arquivos pessoais como fonte importante para os estudos relacionados com as vidas pessoais, investigação e em estudos que buscam compreender as tramas da história e a sua evolução enquanto uso de fontes pelo historiador.

PALAVRAS-CHAVES: Diários Pessoais, Egodocumentos, Memória.

PERSONAL ARCHIVES: DIARIES AND MEMORY CONSTRUCTION

ABSTRACT: This article seeks to discuss and understand the use of personal diaries as a source for the construction of history through the enhancement of memory records. It is known that, for a long time, the writing of history rejected personal archives or egoduments in the process of historiographical construction, a consequence of the positivist school's attributions that limited sources to official documents. However, over time, in the 20th century, with the development of the School of the Annales, Cultural History and Micro-History, it was possible to progressively expand the sources of historical research, breaking with paradigms and creating new possibilities for research. Therefore, we will use authors who present through these sources the lives of people who left their marks in diaries and who contributed to the construction and enhancement of personal archives as an important source for studies related to personal lives, research and studies which seeks to understand the plots of history and its evolution as a use of sources by the historian.

KEYWORDS: Personal Diaries, Egodocuments, Memory.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História (PPGH/UFCG) Graduação em História (UEPB). Email: jessicamonteiro1613@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em educação (UEPB) Graduação em História: Email: angelica.ritart@gmail.com

Introdução

O documento como fonte histórica é a chave de uma porta que leva a tantas outras. É através dela que construímos e ampliamos a memória e a história das sociedades em distintos momentos. Todavia, sabe-se que só foi possível o alargamento da noção de documento, com a inclusão de novos tipos de fontes a partir do século XIX.

Por muito tempo, os historiadores caminhavam com a denominada história positivista, que trazia o documento como um fato verídico testemunhado pela escrita. No século XX, com a fundação da Escola dos Annales, da qual Marc Bloch fazia parte, rompeu-se com a visão da exclusividade dos documentos escritos na análise histórica, chegando à conclusão de que onde existem rastros e evidências da intervenção humana, direta ou indireta, há fontes históricas plausíveis.

Os fatos e as fontes históricas compõem a história de uma civilização, de um país, da humanidade. Através deles os historiadores têm acesso a informações desconhecidas, que direcionam a investigação, retratando os detalhes do acontecido. Sem os fatos e as fontes a tarefa de reconstrução histórica se torna problemática, visto que são componentes que são utilizados para corroborar um acontecimento analisado pelo historiador. Tais componentes podem ter natureza material ou imaterial. Diante do imaterial obtém-se um acesso mais próximo, pois é transmitido de geração em geração, gerando uma continuidade cultural.

A partir do que é encontrado e estudado, o historiador analisa o que foi adquirido, discute e interroga, para assim transmitir suas conclusões. O papel que a História tem no mundo é de magnífica importância, pois ao ser estudada, tem como objetivo contribuir na construção de conhecimentos e formar cidadãos capazes de interpretar, discutir, analisar e argumentar através de fatos que podem ser provados, verídicos ou não.

A subjetividade é uma característica crucial da história, por que? Porque cada historiador pode ter uma visão diferente sobre determinado fato. Isso ocorre, pois, cada indivíduo interpreta e compreende de forma singular, e atualmente isso não é visto de forma negativa, não se tornando um problema para a História, pois proporciona discussões com diferentes perspectivas sobre um tema, cabendo cada pesquisador defender o seu ponto de vista e conclusões, de acordo com seu *corpus* documental e sua argumentação.

Assim sendo, a ampliação da concepção do que era considerado fonte histórica proporcionou o uso de vestígios antes desconsiderados. Podemos citar o caso dos ego-documentos que abrangem os diários pessoais, de modo que sua utilização significa a compreensão de práticas culturais, de experiências de vidas comuns, contribuindo

consideravelmente para a ciência histórica, através de seus relatos eternizados nas folhas dos livros. Os diários ou fontes ordinárias, possibilitam ao historiador a compressão da sociedade diante da posição social do escritor.

É importante perceber como esses arquivos são construídos, partindo desde um empréstimo amigável até anotações em um simples bloco de notas. São os registros de vida que formam os arquivos pessoais.

Essa inclusão só foi possível no século XX, em meados dos anos 80, através das propostas da História Cultural, ao redirecionar seu olhar para as sensibilidades, buscando a compreensão das histórias de vidas. Em conjunto com a Antropologia, considerou os diários como registros das experiências cotidianas no regime de historicidade.

Assim como a História Cultural, o papel da Micro História também foi importante, pois possibilitou a valorização dos arquivos pessoais, trabalhando desde o macro até o micro, promovendo uma abertura contínua no campo historiográfico no trato de outras fontes, especificamente os diários, fortalecendo as pesquisas a respeito da memória e do eu, eternizadas em escritas pessoais, testemunhos, biografias e autobiografias. Sendo assim, este trabalho propõe analisar, através da evolução historiográfica e da inclusão de novas fontes e pesquisas, a possibilidade da utilização dos documentos enquanto fonte histórica, ratificando que a memória tem sido progressivamente preservada ao longo do tempo, inclusive através das tecnologias no século XXI, concedendo espaço para as pessoas comuns, que também são sujeitos históricos e devem ter vez e voz.

Revisão teórico conceitual

Para os historiadores os arquivos são lugares que escrevem a memória na história. Entretanto, existem dois tipos de arquivos: institucionais e pessoais. Esse último, ao longo do tempo, vem ganhando destaque em pesquisas, pela grande riqueza que representam enquanto o seu papel de fonte, mas ainda são negados como arquivos.

Ana Maria Camargo define os arquivos pessoais da seguinte forma:

Convém examinar, inicialmente, o sentido da expressão “arquivos pessoais”. Embora se admita seu uso na comunidade arquivística brasileira, o mais correto seria dizer arquivos de pessoas (desta ou daquela pessoa, tratada individualmente) ou de categorias ocupacionais (de estadistas, de literatos, de cientistas etc.), ao menos para não conflitar com três situações distintas, igualmente questionáveis, em que o epíteto é aplicado. (CAMARGO, 2009, p.28).

Dessa forma, compreende-se que existe a necessidade de uma reorganização arquivista dos arquivos pessoais, principalmente para a identificação do que se procura. Contudo, do mesmo modo que ocorre com a preservação de nomes de políticos ou de “grandes homens” da história com homenagens em ruas, avenidas, praças e etc., acontece o mesmo fato no mundo dos arquivos.

Vale ressaltar que com o armazenamento dos arquivos, existe outra preocupação: a preservação desses documentos. O arquivista, como responsável pelos mesmos, deve garantir a integridade dessas fontes. Esse é um fato importante para a pesquisa, quando lembramos que no século XIX, com o positivismo, negava-se os arquivos pessoais, negava-se o seu conteúdo e a sua história, principalmente a história dos homens comuns.

Tratando-se de fontes históricas, o historiador deve atentar-se para um ponto importante na pesquisa, o olhar de quem o lê. O estudo de uma fonte não é simplesmente reproduzir o que está exposto, mas analisar, criticar e perceber a existência de lacunas na história. Portanto, no decorrer do tempo, as discussões a respeito dos arquivos vêm sendo ampliadas, oriundas de novas formas/fontes de arquivos que existem. Entretanto, apesar da resistência, sabe-se que os mesmos apresentam um grande leque de inovações nas pesquisas e de conteúdo não só para a História e as Ciências Humanas, mas para a Ciência como um todo.

Aplicabilidade

A história de pessoas comuns e das suas experiências são de extrema importância para a escrita da história, uma vez que se relaciona ao fato de que por muito tempo os historiadores debateram como as pessoas são tratadas e a quem dava-se importância ou significado diante das fontes históricas.

Documentos dessa espécie – com sua dupla dimensão histórica e literária – permitem ao historiador: problematizar diferentes formas de escrita; observar indícios sobre o cotidiano, o capital de vivências de uma época, as maneiras distintas de ver o mundo; explicitar hábitos e costumes; detectar fragmentos de laços de sociabilidades e finalmente reencontrar um tempo que foi perenizado pela escrita. (CUNHA, 2009, p.271)

Atualmente, sabemos das importantes contribuições para as rupturas e transformações do positivismo na historiografia. Essa análise historiográfica traz as representações de outro tempo, narradas de formas diferentes em um mesmo momento a partir dos egos documentos.

A partir da leitura de artigos de Maria Teresa da Cunha e de Contardo Calligaris, podemos organizar a escrita dos diários da seguinte maneira:

1. Ascensão da burguesia – conquista da individualidade (principalmente por mulheres) e os Acontecimentos políticos – Ditadura Militar Brasileira, análise de diários de mulheres que vivenciaram o período entre os anos de 1964-1974.
2. Senador Packwood – acusado de abuso e corrupção.
3. Diários escolares como fonte para a História da Educação.

O espaço dos diários na vida pessoal

No caso 1, Maria Teresa faz uma breve análise do desenvolvimento da escrita ainda no século XVIII, enfatizando o papel da mulher na produção da escrita, uma vez que sabemos que o direito à alfabetização foi construído no decorrer do tempo em decorrência também da ascensão da burguesia e da conquista da individualidade, que garantia as escritas íntimas ou do dia a dia em seus diários.

A partir dessa explanação e diante de 12 diários, a autora apresenta o caso 2, representada por L. e V. com idades de 14 e 22 anos, ambas residentes em Florianópolis, que deixaram em seus cadernos escolares relatos dos acontecimentos políticos do período militar.

A autora traz, através de trechos, o registro do dia 1 de janeiro de 1968 por L.:

Segunda-feira, 1º de janeiro de 1968.

Mais um ano se passou. Um ano com todos os seus dias e horas, acontecimentos e vida. Espero com confiança que o novo ano traga paz saúde e amor. Que o Brasil esteja bem...

anda feio! As músicas classificadas foram 15: 'O bom rapaz' (Vanderlei Cardoso); 'A praça' (Ronnie Von); 'Coração de Papel' (Sérgio Reis); 'O meu grito!' (Agnaldo Timóteo); 'Bus Stop' (Rolling Stones); 'A namoradina de um amigo meu' (Roberto Carlos); 'Disparada'

(Jair Rodrigues); 'Eu te amo mesmo assim' (Martinha); 'Maria, carnaval e cinzas' (Roberto Carlos); 'Gina'; 'See you in September'; 'Coisinha Estúpida'. (CUNHA, 2007, p.55)

Em seguida, temos a escrita do diário realizada por V.:

"Segunda-feira, 1º de janeiro de 1968.

Dia típico de verão: sol maravilhoso. Comunguei na missa das sete. Vi Carmen Lúcia. Ela está noiva. O noivo é um super-pão. Ontem fui dançar ao som de 'Alegria, Alegria' de Caetano Veloso... Linda... Gosto da parte: O sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas. Será?... Bendito dia 1º de janeiro de 1968. (CUNHA, 2007, p.55)

Após da leitura das citações anteriores, podemos afirmar que L. e V. são duas mulheres que vivenciaram o mesmo momento, mas que analisaram e descreveram o tempo de maneiras distintas.

No caso de L., existe a presença de uma escrita de desejo sobre o novo ano. Mas, com uma ressalva: "O Brasil ... anda feio". O pesquisador, através dessas palavras, cria uma

cronologia histórica do ano anterior, que foi marcada por uma sequência de decretos oriundos da Ditadura Militar, tais como: nova Constituição, Lei de Imprensa, enchentes e deslizamentos em São Paulo e a Lei da Segurança Nacional.

A escrita de V. é marcada primeiramente pelo seu cotidiano e encerra-se com uma dança, cuja trilha sonora foi “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso. Sabemos que a MPB (Música Popular Brasileira), destacou-se no período militar pelas denúncias dos absurdos realizados, e uma dessas, é a falta de liberdade e a presença da censura e da repressão, relatada pelo então cantor e enfatizada por V., como forma de desabafo de um país que vivia em guerra.

Diante da escrita dos diários e da análise realizada por Maria Teresa Cunha, pode-se perceber que a análise dessas fontes requer uma compreensão de mundo, uma vez que não se trata de uma leitura interpretativa e compreensiva, pois só é possível decifrar a escrita dessas fontes através de uma contextualização completa, que apresenta particularmente o cotidiano das duas mulheres que vivenciaram esse período e que escreveram de maneiras diferentes sobre o mesmo. Contudo, não deixaram de apresentar e eternizar, através de suas anotações, as práticas sociais e culturais de um dado momento histórico.

Diante da pesquisa, Maria Teresa chama a atenção para o fato de que: “os arquivos privados podem fornecer informações e indícios sobre o cotidiano, sobre as formas de ver o mundo através de fatos comuns da experiência humana, de hábitos e costumes” (CUNHA, 2007, p.58).

Dessa forma, através da escrita desses diários em cadernos escolares, é possível perceber que os egos documentos são enriquecedores na pesquisa da história. Através dos mesmos é possível conhecer um leque de probabilidades que compreendem desde a educação até as escritas do eu que falam por nós.

Essas escritas são construídas em memórias coletivas, pois, apesar de divergirem em aspectos e individualidade, trazem consigo a marca de um tempo e de momentos que fazem parte da história, histórias essas que conhecemos em tantas outras. Portanto, os diários são bordados não apenas por histórias de vidas, mas por experiências coletivas de pessoas comuns em momentos cotidianos.

Os diários como fonte de investigação

No caso 3, o autor Contardo Calligaris traz o caso do senador Packwood. Calligaris traz a reflexão sobre a construção das obras autobiográficas e dos diários. O mesmo explana que a sua criação ocorre em sincronia com a confissão, justificação ou invenção, assim esse tipo

de escrita envolve o meu eu, ou o outro eu, como no caso das biografias. A biografia necessita de vidas vividas, é através delas que esse tipo de escrita surge, a autobiografia é um conjunto de experiências organizadas em narração.

A escrita autobiográfica ou os diários são documentos privilegiados, uma vez que:

Falar ou escrever de si - como reparou Foucault (1976) - é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito - subordinada à sua sinceridade. (CALLIGARIS, 1998, p.45)

Entretanto, a escrita do eu também tem ressalvas, a memória é seletiva e só são salvos no papel relatos que fossem julgados importantes para arquivamento. Assim, o autor define as autobiografias em três: o diário íntimo (vida interior), diário (dia a dia) e as memórias (anotações dos fatos com finalidade de preservação).

Desse modo, a escrita de si ou do outro é um desabafo individual e está entrelaçado com a história do cotidiano e da continuidade da memória. Não obstante, devemos atenção à escrita da biografia, pois o autor perde a neutralidade, já que existe um elo de dependência de quem se fala, vinculados a relações pessoais ou íntimas.

No caso do senador, constatam-se relatos de assédio e de corrupção. Entretanto, podemos questionar o motivo de Packwood ter registrado esse tipo de crime. Calligaris enfatiza que é a necessidade de produção da sua virilidade, da sua história. Porém, trata-se também de diários íntimos cujo objetivo é o de confessar e conservar a memória de modo que “retire o peso de sua consciência”.

Dessa maneira, a construção de autobiografias não deve ser julgada com o objetivo de conseguir celebridade. Como historiadores devemos, em uma pesquisa, olhar para a época do documento. Os diários compreendem a construção do sujeito, o seu ponto de refúgio para a sua sinceridade ou não, é o momento de encontrar o seu eu. Assim, quando se julga a intenção desses escritos, devemos nos perguntar se o conceito de celebridade não é contemporâneo de quem o encontrou. A autobiografia é o foro íntimo de quem a procurava.

O diário como fonte nos estudos da história da educação

No último caso, abordaremos análises feitas pelas autoras Ana Chrystina Mignot e Maria Teresa. O primeiro caso trata-se dos arquivos dos professores: Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

Só para recordar: o diário “é uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas ocupam um grande lugar, uma escritura que rejeita uma organização formal, uma escritura essencialmente

do registro do descontínuo, do efêmero”. Em meados do século XX, os diários pessoais são escritos à mão e utilizam como suporte tanto cadernos especialmente feitos para esse fim, com capas artísticas e inscrição dourada – Meu Diário – ou, em sua maioria, cadernos que foram, quem sabe, subtraídos do próprio material escolar. (MIGNOT; CUNHA, 2006, p.262)

As autoras destacam a importância desses diários na preservação da memória e da construção da História da Educação. Memórias que poderiam ser esquecidas ou simplesmente descartadas, mas que estão presentes em algum papel, direcionando para rupturas e continuidades, uma vez que essas fontes são importantes para a compreensão dos avanços da educação no país.

É interessante que a autora faz referência como as escritas mudam no decorrer do tempo. De manuscritos passaram para datilografias e digitação em computadores, a forma de escrita também diz muito sobre a memória, pois antes eram fragmentos revelados em papéis que no transcorrer do tempo se apagam e com o avanço da tecnologia podem ser expostos em blogs, depositados em repositórios institucionais ou simplesmente armazenados na nuvem. O século XX mostra como a humanidade tem a necessidade de guardar pedaços do eu.

Assim, o texto direciona-se para “documentos menores” como cartas, fotografias, rascunhos e textos que entrelaçam a importância de educadores em suas vidas e na história da educação nas décadas de 1920 e 1930. O trio de educadores guarda seus arquivos pessoais, assim a autora discute a intenção desse arquivamento. Ocorreu para ser reconhecido e perpetuar a memória ou por uma questão de memória individual enquanto vida? Trabalhar com egodocumentos tem essas inquietações, mas independente da intenção, o que sabemos é que são essenciais para a análise da educação. Muitos encontram-se preservados por instituições como a Fundação Getúlio Vargas. Como exemplo, os arquivos de Anísio Teixeira mostram um leque de reivindicações, sugestões e organização educacional da década de 1930, quando era diretor da Instrução Pública. A memória preservada mais importante foram as correspondências do mesmo com Lourenço Filho, que estava à frente do Instituto de Educação, uma vez que foi perceptível que ambos tinham a intenção de fazer uma reformulação das práticas pedagógicas.

Esses documentos permitem acompanhar o percurso profissional dos que fizeram parte do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que ocorreu da década de 1920. Nesse período, Paschoal Lemme, foi essencial para a visão e necessidade da educação das massas.

Maria Teresa também nos mostra que não apenas os documentos escritos falam sobre a educação, mas também os arquivos pessoais visuais que descrevem a história através das fotografias. Os pequenos textos que acompanham as fotografias desenvolvem o papel de guia

para o olhar do observador na imagem, pois evidenciam o lugar social do indivíduo que preservou fragmentos da sua memória.

Além dos educadores citados anteriormente, foram encontrados arquivos importantes de Cecília Meireles e de Fernando Azevedo. A primeira guarda um vasto acervo de fotografias, poemas e crônicas que expressam o seu ideário da Escola Nova. O segundo conservou cartas que nos faz compreender a sua posição diante a educação da década de 1930 e que apesar de indivíduos diferentes formam uma memória coletiva que buscava idealizar uma educação democrática.

Atentemos para o fato de que esses registros não preservam apenas os educadores, mas toda a estrutura que marcou as suas vidas, são momentos que fazem parte da vida escolar, como festas, a caderneta, um aluno ou uma aula, memórias essas que expressam a forma de ensino, a administração e a metodologia aplicada no ambiente escolar. Comparo os arquivos desses educadores com os relatórios de estágios realizados na graduação, as quais importantes são para o processo de análise da educação. Aqueles produzidos há 1 ano, 10, 20 ou 40 anos, falam muito sobre a educação, sobre os alunos, suas inquietudes e percepções futuras no país, assim como falam sobre educadores que analisaram salas de aula e expressaram os prós e os contras daquele método de ensino. A educação só se transforma através de críticas!

Dessa forma,

Os arquivos pessoais, via de regra, contêm documentos de naturezas diversas que resultam de diferentes estações da vida expressando tanto a vontade de forjar uma glória como um desejo de guardar os momentos mais significativos. Uns tratam de momentos solenes, ocasiões especiais, fatos públicos, militância política. Outros trazem os laços de afeto, o processo de construção de trajetórias, o refinamento de uma ideia ao longo de rascunhos e textos. (MIGNOT; CUNHA, 2006, p.55)

Portanto, os *egodocumentos* são essenciais para a compreensão da história da educação do Brasil, estreitam laços, fecham lacunas e mostram os problemas permanentes, mutáveis e constantes. A construção da história da educação é guiada por grandes educadores e o registro de suas experiências no ambiente escolar.

Por fim, temos o caso do educador Elpídio de Medeiros, abordado pela autora Maria Teresa. O uso de seus arquivos foi primordial para os estudos da história da educação de Santa Catarina, entre as décadas de 1930 e 1960. Para essa pesquisa foram utilizados o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas IDCH, a Hemeroteca Digital Catarinense e o Serviço Nacional de Informação, localizados em Florianópolis, que têm como objetivo a produção de conhecimento com esses arquivos para as Ciências Humanas.

O IDCH preserva os documentos do educador Elpídio Medeiros. O mesmo assumiu em 1935 o cargo de subdiretor técnico de Educação em Santa Catarina. Foi responsável pela Lei Orgânica do Ensino Primário, organizando o ensino primário no modelo da Nova Escola. Além disso, foi professor do Departamento de Ciências Jurídicas e integrou o Instituto Histórico de Santa Catarina.

A educação proposta por Medeiros é marcada por rupturas e continuidades. “A arte de guardar que compõe a essência da existência dos arquivos torna-se necessária no intuito de não apenas preservar memórias, mas também de servir de documentos à produção historiográfica”. (CUNHA, 2017, p.195)

A preservação da memória possibilita a escrita da história, principalmente na era digital, quando temos a possibilidade de armazenar esses arquivos digitalizados, como é o caso da Biblioteca Nacional, com a Hemeroteca Digital, utilizada pelo Estado de Santa Catarina com a finalidade de assegurar a preservação de memórias e o desenvolvimento de pesquisas.

Os arquivos de Elpídio Medeiros possibilitam o conhecimento sobre as concepções sociais e culturais do educador, no meio que estava inserido.

Materializado em papel e tinta - fotos, recortes de jornais e anotações diversas - o acervo pessoal de Elpídio Barbosa eterniza idéias, saberes, valores, acontecimentos relacionados à educação escolarizada em Santa Catarina. São testemunhos de outro tempo que, se interpretados, produzirão sentidos ao passado no tempo presente. (CUNHA, 2017, p.196)

Em seu acervo estão presentes revistas, registros pessoais, escritos e fotografias que descrevem suas memórias e a história do seu cotidiano na educação. Maria Teresa salienta que no campo historiográfico, na década dos anos 1990, o uso dos arquivos pessoais foi importante porque representou uma renovação de conhecimento, uma vez que os estudos partem para um olhar que envolve memória, saber e poder como construção política que direciona a memorização e o esquecimento, ou seja, analisa-se a seletividade da memória diante de fatos que o sujeito vivenciou.

O levantamento do corpus documental do acervo Elpídio Barbosa, primeiro passo problematizador desta pesquisa, foi fundamental para a análise da materialidade e conteúdo de cada um dos tomos, sempre procurando relacioná-los com o momento profissional em que o educador que os produziu estava inserido. (CUNHA, 2017, p.197)

Dessa maneira, através da preservação da memória de Elpídio Medeiros, conheceu-se uma parte da educação catarinense. Foi através da reconstrução de seus passos que foi possível aprender sobre a sua importância e como era organizada a educação escolar desse período, assim como suas ações para transformar a educação e salvar as suas lembranças.

Entre recortes, fotografias de visitas escolares e registros de comemorações pessoais o arquivo pessoal deixado por Elpídio Barbosa, e aqui apenas entrevisto numa pequena parcela, autoriza a refletir sobre tempo, história e acontecimento e pode, enfim, atestar a existência de um passado que

caracteriza e reverbera, hoje, a experiência no tempo. São, enfim, testemunhos de um mundo desfeito cujas evidências deixadas pelos documentos do arquivo podem contribuir para reconhecer parte de nossa estrutura educativa. (CUNHA, 2017, p.204)

Portanto, Elpídio registrou inquietações, vontades, saberes e relações sociais diante da educação daquele Estado, e é uma fonte de pesquisa para os historiadores da educação. Pesquisar e estudar os arquivos pessoais, possibilita não a reconstrução do passado e a sua ligação com o presente, permite conhecer e questionar as fontes do sujeito que preservou as suas memórias e o seu papel social.

Uma nova fonte de pesquisa: uma breve apresentação dos registros pessoais nas redes sociais digitais

O século XX é caracterizado como de muitos avanços científicos e tecnológicos. A invenção da internet foi uma grande conquista, pois assim como os navegadores conseguiram criar rotas de comércio no século XVI, no século XX a internet amenizou a distância física com outras pessoas, aproximando-as virtualmente. Em decorrência disso, no século XXI, com a evolução das trocas de mensagens rápidas via internet, foram criadas as denominadas redes sociais digitais, uma estrutura social de compartilhamento de valores e objetivos comuns em um dado espaço cibernético.

Atualmente existem muitas redes sociais digitais, algumas até já extintas como o Orkut (2004-2014) e o MSN (2000-2013). Entretanto, devemos atentar para um espaço virtual que possibilitou a escrita de relatos, desabafo ou críticas em um meio virtual, como os Blogs.

O Weblog (1997) ou blog, é um site de cunho pessoal ou profissional, atualizado frequentemente, podendo ser utilizado como ferramenta de expressão de si mesmo, se aproximando do diário tradicional, como meio de trabalho organizado e mantido por empresas ou como um híbrido dos exemplos citados, em que blogueiras (os) entrelaçam suas vidas pessoais e profissionais na divulgação de produtos e marcas, principalmente no ramo da moda. Deve-se ressaltar que sua popularidade atualmente diminuiu em relação ao ápice nos anos 2000.

Assim, no decorrer do tempo e com o surgimento de novas redes sociais digitais, as pessoas cada vez mais foram deixando de lado os diários escritos em cadernos e familiarizando-se com os “papéis” virtuais, por dois motivos: pela possibilidade de armazenamento, seja por preservação/por privacidade ou por simplesmente poder expressar

sentimentos e opiniões a outras pessoas. Vivemos “uma sociedade do espetáculo”, como afirmou *Guy Debord*, que os indivíduos fazem algo para que outros assistam. O prazer das pessoas no século XXI é de serem o centro das atenções, é de exporem as suas vidas.

Todavia, é válido ressaltar que as novas formas de produção do homem, difere de tempos atrás. Antes, os diários pessoais de fato faziam jus ao nome, eram pessoais. Consequentemente, não eram abertos a leitores, tratava-se de escritas privadas, por isso utilizava-se até mesmo de chaves com cadeados para que ninguém tivesse acesso, os diários faziam parte da intimidade dos indivíduos.

Já com a escrita virtual, é diferente. Porque as pessoas escrevem para que os outros vejam, independente do que seja. Como exemplo, nos diários que guardavam segredos ou relatos de fatos que seriam tabus ou que seriam alvo de julgamentos. No século XXI, na era digital, difere, pois, as pessoas têm liberdade de expressão para postar/publicar suas opiniões e a partir disso lançarem até mesmo um debate com pessoas que são contrárias.

Então, para o historiador do século XXI, isso facilita a proximidade com as fontes. São inúmeros relatos de acontecimentos ou até mesmo de opiniões que abrem as portas para novos campos de pesquisa. Por isso: “é aconselhável que o historiador mantenha, em toda e qualquer pesquisa, um diálogo constante entre diversos tipos de fontes, além, é claro, de manter-se atualizado com outros campos de saber” (CUNHA, 2009, p.259).

Podemos expor um caso mais próximo do que estamos vivendo na atualidade, como a crise sanitária global causada pelo vírus SARS-COVID-19. Durante um ano de pandemia (março de 2020 a 2021), é perceptível a constância de relatos sobre as perdas sofridas pela população global, seus medos, aflições e também alegrias em um momento de pandemia, e esses relatos são fontes virtuais, sobre uma pandemia que ocorreu no século XXI.

Essas escritas acontecem pelo fato de que o isolamento social gerou, em uma parcela da humanidade, a necessidade do desabafo, uma vez que, acostumada com um mundo de intensa rapidez no dia a dia, encontra agora uma situação de adaptação ao *home office*. É válido ressaltar que os diários pessoais foram apagados no século XXI, mas foram reinventados pelo meio digital, como é o caso do *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

Comparando as outras fontes citadas anteriormente, percebemos que a humanidade evolui à medida que surgem novos meios de comunicação. Então, as possibilidades de um historiador contemporâneo trabalhar com fontes digitais para escrever a história, são muito grandes.

Agora, analisemos as seguintes figuras:

Figura 1- Historiadores na pandemia da COVID-19



Fonte: Portal FioCruz

Essa iniciativa da FioCruz tem a intenção de reunir pesquisadores para debater sobre a história das doenças. Muitas pessoas não sabem, mas existe uma linha de pesquisa na história que estuda as doenças. E estudar sobre doenças em determinados contextos históricos, possibilita a construção da história baseada no social, econômico e político também, uma vez que é realizada a análise de determinado local e as suas tramas sociais como um todo.

E os registros deixados pela humanidade nesse período, são uma fonte para estudos futuros sobre a doença. Mas, não termina por aí. Atualmente as ciências não se isolam, trabalham de forma interdisciplinar. Assim, um historiador da saúde pode trabalhar com biólogos, geógrafos, matemáticos e tantos outros profissionais.

Os estudos sobre a pandemia do Coronavírus levaram os cientistas a analisar tantas outras pandemias na história e verificar as semelhanças e divergências no seu combate, porque é por meio das experiências que compreendemos a humanidade. É o caso da gripe espanhola de 1918 e a crise sanitária no início do século XX no Brasil. Então, trabalhar com a história da saúde implica também investigar erros e acertos que podem ocorrer ou podem ser evitados, diante de outros acontecimentos similares na história da humanidade.

NOTICIA

O site brasileiro que mapeia relatos orais sobre a pandemia da Covid-19

 por Bruno Leal · 21 de maio de 2020 · 4

Cartografia das Memórias” é um mapa sonoro colaborativo. Projeto é coordenado por pesquisadores e pesquisadoras de várias áreas das ciências humanas.

Bruno Leal | Agência Café História

O caráter histórico da pandemia do novo coronavírus tem originado várias iniciativas voltadas para o registro do cotidiano popular durante a crise, como o [Coronarchiv](#), na Alemanha, e os formulários da [Associação dos Historiadores Públicos do Estado de Nova York](#). Agora, acaba de ser lançado um projeto totalmente brasileiro, mas aberto a pessoas de todo o mundo: o site [Cartografia das Memórias](#).

Fonte: Café História.

Diferente das escritas virtuais individuais nas mídias sociais digitais, o site mencionado na figura 2 tem a finalidade de preservar memórias a partir de relatos orais. Algo que é mencionado pelo historiador, que progressivamente trabalha em pesquisas com fontes orais. A diferença, no entanto, é que esses relatos têm uma finalidade de preservação no decorrer do tempo, o que levará outros historiadores, daqui a alguns anos, a escreverem sobre a pandemia, tendo como base essas e/ou outras fontes.

Todavia, devemos refletir que, assim como as redes sociais Orkut e MSN acabaram, um dia pode acontecer o mesmo com o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, por exemplo. Nesse caso, como os historiadores terão acesso a essas escritas virtuais? A plataforma será comercializada para permitir a extração de informações? É uma possibilidade, considerando o mundo capitalista que vivemos, e não é muito distante do mundo do historiador, que constantemente busca documentos em acervos e já utiliza meios digitais para extrair fontes, como é o caso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Sabemos assim que os indivíduos estão sempre deixando marcas e registros da sua presença em determinados espaços e de acontecimentos, sejam em diários ou por fatos marcantes. A questão é: como será o acesso do historiador a essas fontes produzidas na era das redes sociais daqui a 20 anos?

Considerações finais

Escritos à mão, materializados em papel e tinta, os diários eternizam, em folhas amarelecidas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres, além de fantasias, medos e experiências – tudo isso são representações de um outro tempo que dão sentido ao mundo social, criando outras realidades. (CUNHA, 2009, p.253)

Essas escritas são construídas em memórias coletivas, pois, apesar de divergirem em aspectos e na individualidade, trazem consigo a marca de um tempo e de momentos que fazem parte da história, histórias essas que conhecemos em tantas outras. Portanto, os diários são bordados não apenas por histórias de vidas, mas por experiências coletivas de pessoas comuns em momentos cotidianos.

Desse modo, a escrita de si ou do outro é um desabafo individual e está entrelaçado com a história do cotidiano e da continuidade da memória.

Por isso,

Um baú é sempre um objeto interativo: se fechado, conserva, guarda, preserva; se aberto, anuncia, mostra, dá a ver. Diários íntimos, guardados, preservados em baús são vidas escritas que no tremor ou na firmeza das mãos trazem traços de memória marcados, não é tão raro como se pensa, embora perdidos nos labirintos dos arquivos, muitos materiais dessa natureza permanecem guardados como objetos-relíquia. (CUNHA, 2007, p.57-58)

Memórias que poderiam ser esquecidas ou simplesmente descartadas, mas que estão presentes em algum papel. São elas que contam e direcionam rupturas e continuidades. De manuscritos passaram para datilografias, seguidas por digitação em computadores. A forma de escrita também diz muito sobre a memória, pois antes eram fragmentos revelados em papéis, que no transcorrer do tempo se apagam, e com o avanço da tecnologia podem ser expostos em blogs, depositados em repositórios institucionais ou simplesmente armazenados na nuvem. O século XXI mostra como a humanidade tem a necessidade de guardar pedaços do eu.

Os documentos pessoais são regidos por um elo entre o autor e o objeto que é guardado e que formam os arquivos pessoais. Assim, devemos atentar também para a preservação desses documentos, que muitas vezes estão nas mãos dos familiares ou em instituições. Os arquivos pessoais são um verdadeiro patrimônio cultural.

Arquivar a própria vida é espelhar a vida íntima para a sociedade. Assim, a preservação desses documentos é primordial para a escrita da memória, por isso é necessário que existam condições para consultar esses arquivos. A preservação da memória possibilita a escrita da história, principalmente na era digital, quando temos a possibilidade de armazenar esses arquivos digitalizados, caso da Biblioteca Nacional, com a Hemeroteca Digital, ou pelo uso das redes sociais como fonte de pesquisa histórica.

Falar ou escrever de si - como reparou Foucault (1976) - é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito - subordinada à sua sinceridade (CALLIGARIS, 1998, p.45).

No decorrer do tempo as discussões a respeito dos arquivos vêm sendo ampliadas, oriundas de novas formas/fontes de arquivos que existem. Entretanto, apesar da resistência, se sabe que os mesmos apresentam um grande leque de inovações nas pesquisas e de conteúdo não só para a História e as Ciências Humanas, mas para a ciência como um todo.

Assim, a história é uma ciência que tem na sociedade uma importância significativa, uma vez que mostra as diferenças que existem no mundo em termos gerais, interligando o presente ao passado, buscando suas origens e ideias. Os fatos, acontecimentos, registros e as menores representações que possam transmitir o que foi vivido no decorrer do tempo são pistas para conhecer a atualidade em que vivemos e compreender os extensos processos que resultaram nos dias atuais.

Pensando os diários como registros de vida produzidos individualmente, mas que guardam traços culturais de um capital de vivências da época de quem o escreve, o historiador pode investir na interpretação de seus conteúdos. Assim deve primeiramente mapear os temas tratados e, depois, analisá-los como *atos de memória*, redutos de expressão de sensibilidades que, mesmo em seus traços descontínuos, fora modos de fazer e compreender a vida do dia a dia. Nessa operação, é fundamental estar atento também para as formas de registro dos grandes e dos pequenos acontecimentos que contribuem para a compreensão do passado recente da nossa sociedade e estimulam reflexões sobre a conexão passado-presente. (CUNHA, 2009, p.259)

Em uma última análise, a história segue em constante transformação, pois a cada novo dia são feitos registros, são deixados vestígios, que em um futuro servirá para reconstruir e complementar a história do mundo, das sociedades e das transformações que ocorreram com o passar do tempo, proporcionando um novo processo de investigação e de novas descobertas. Sobre a História pode-se concluir que tem como propósito a busca pela verdade através de fontes históricas, para reconstruir a “história dos homens no tempo”, como definiu o historiador francês, Marc Bloch.

Referências

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Estudos Históricos, nº 21, 1998. p.43-58.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Ano 45, n. 2, p. 26-39, jul. / dez, 2009.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O site brasileiro que mapeia relatos sonoros sobre o cotidiano na pandemia da Covid-19 (Notícia). In: **Café História - história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/mapa-sonoro-da-covid19/>.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Diários Pessoais: territórios abertos para a história**. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). - São Paulo: Contexto, 2009).

_____. **Do Baú ao arquivo**: escrita de si, escritas do outro. In: UNESPFCLAs-CEDAP, v. 3, n. 1, 2007, p. 45-62.

_____. **Arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (19091966): do traçado manual ao registro digital**. In. Hist. Educ. (On-line). Porto Alegre. v. 21. n. 51, jan./abril, 2017, p. 187-206. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/66723>

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as**. In: Revista Educação em questão, Natal, v. 15, n. 11, jan./dez, 2006, p. 40-61.

MUCELIN, Patrícia. **Os blogs de moda sob a perspectiva da história** do tempo presente. XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS, Florianópolis, junho de 2015.

SÁ, Dominichi Miranda de. **Historiadores da Fiocruz analisam a pandemia de Covid-19 (Notícia)**. In: Portal FioCruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/historiadores-da-fiocruz-analisam-pandemia-de-covid-19>.